SERRALVES

07 – 08 NOV

O MUSEU COMO PERFORMANCE

THE MUSEUM AS PERFORMANCE

BRUNO HUMBERTO / FREDRIK RASTEN / IVAN CHENG
JOANA SÁ / MÁRIO AFONSO / NASA4NASA / RUTH CHILDS
SAMIR KENNEDY & SEAN ALEXANDER MURRAY / SOFIA KAFOL

PT

Imagem: © Gregory Batardon

O MUSEU COMO PERFORMANCE

"O que fazer quando tudo arde?" é o feliz título de um podcast português; talvez porque seja das expressões que melhor sintetizam (chegam-lhe seis palavras) os tempos atuais, em que a quantidade e simultaneidade de "fogos" parecem conduzir inevitavelmente à apatia de quem sente que pouco ou nada pode mudar. E, no entanto... A justeza da frase parece estar no sinal de interrogação, que nos interpela e que reúne automaticamente quem ainda tenta encontrar respostas numa verdadeira comunidade de resistentes. Curiosamente, aquela pontuação, a sua simples existência, parece responder à pergunta que remata: sim, onde há pergunta há respostas; como não deixa de ser curioso que a performance, e que os princípios que a constituem (instáveis, já que ela nunca quis ser disciplinada), nomeadamente a sua singular economia de produção e de receção (já lá iremos), pareçam torná-la a mais habilitada (ou a mais adequada) das formas artísticas para funcionar em "tempos ardentes".

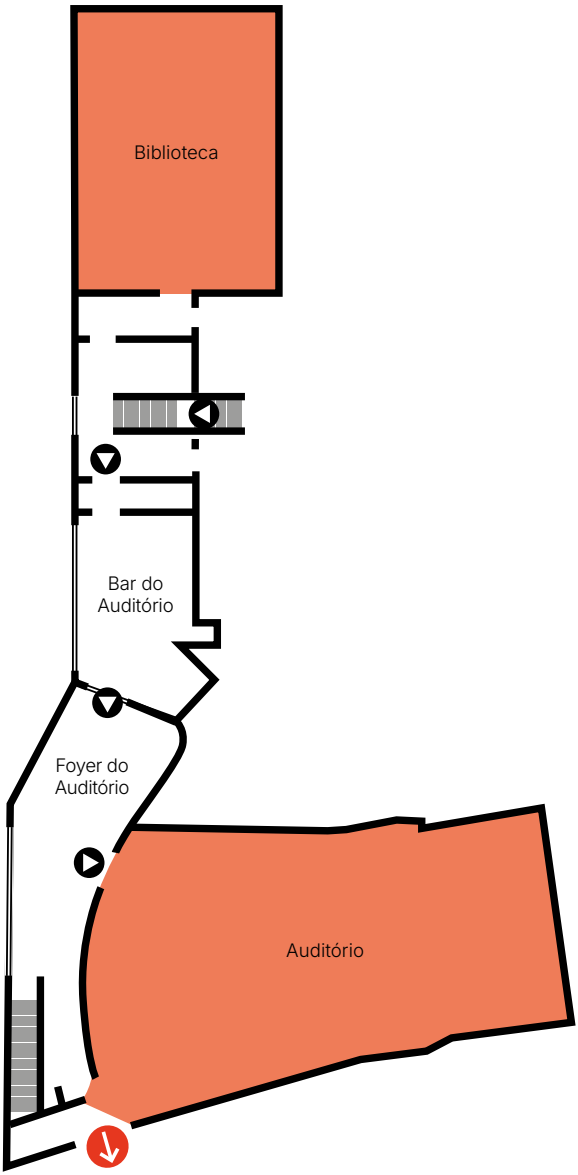
Para começar, a performance caracteriza-se, em grande medida, pela economia de meios (principalmente se comparados com aqueles que garantem as atuais superproduções expositivas, teatrais e cinematográficas), tirando partido desta condição negativa, "perpetuamente precária", e da leveza de meios que lhe está associada, para partilhar com fervor da urgência de tempos urgentes e ferventes (isto talvez explique a sensação de inédita atualidade que temos quando confrontados com determinadas performances); em segundo lugar, a performance instaura um sentido de comunidade: independentemente de ser fruto de um trabalho coletivo, ou colaborativo (sendo que o é, numa muito considerável quantidade de casos), ela implica (quase) sempre a presença simultânea de vários espectadores, todos a viverem um sentido de pertença que muito escasseia nos tempos atuais; depois, nada melhor do que uma manifestação artística que tem no corpo a sua matéria-base para traduzir a violência a que os nossos corpos estão quotidianamente sujeitos – interrogando, por exemplo, de que formas somos afetados pela constante interação com aparatos tecnológicos, ou pela imposição de modelos normativos; em último lugar, ressalve-se a coincidência entre o carácter híbrido das muito variadas manifestações a que se convencionou chamar performance e o hibridismo que caracteriza a atualidade, em que somos crescentemente interpelados a repensar a relação do Homem com aquilo que, mais do que ser alvo de dominação e de exploração, o deve constituir, numa relação não-hierárquica com aquilo que antes apenas o rodeava.

Voltando à pergunta do início, "O que fazer quando tudo arde?", eis alguns possíveis verbos-resposta, todos relacionados com a performance (e com a presente edição de O Museu como Performance): reunir, colaborar, rememorar, deshierarquizar, resistir. A última ação assume um papel determinante (a programação de *O Museu como Performance* de 2026 evidencia-o) e pode traduzir-se em diferentes estratégias: espelhar a violência circundante, nomeadamente sobre os nossos corpos para reclamar a sua emancipação (casos de Ruth Childs, Sofia Kafol e nasa4nasa); reivindicar a "existência de existências" não normativas e combater práticas discriminatórias (Samir Kennedy & Sean Murray); propor a colaboração ativa e a ideia de colectivo, ou de vozes coletivas, como formas de combater estruturas de poder, isolamento e inquietação crescentes (nasa4nasa, Fredrik Rasten, Bruno Humberto); contrapor às ideias de produtividade e de normalização associadas às novas tecnologias, modelos que interrogam a nossa relação (dos nossos corpos, mas também da nossa memória) com imagens digitais, ficheiros facilmente arquiváveis,

etc. (Ivan Cheng, Mário Afonso); contrariar o ruído e o esquecimento (reação face à saturação de informação) que caracterizam, em grande medida, o nosso tempo através de trabalhos que exploram a contemplação, o silêncio e o recurso à história (Mário Afonso, Bruno Humberto); recordar que a inquietação do presente não pode ser dissociada das energias planetárias – ou que, noutras palavras, a humanidade e aquilo que supostamente a rodeia, e que ela pensa poder controlar, não são separáveis (Joana Sá).

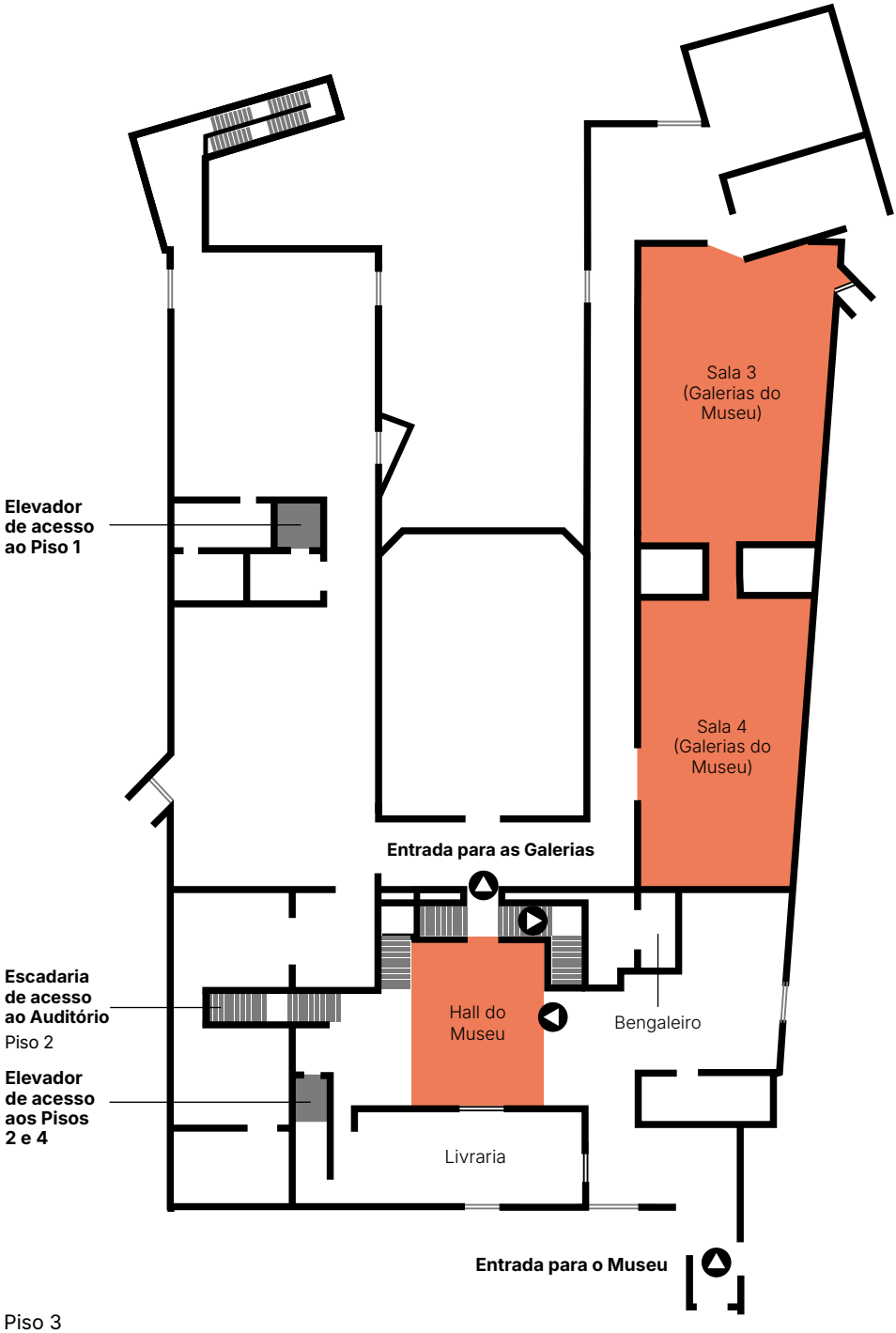
Cristina Grande, Pedro Rocha e Ricardo Nicolau

DOWNLOAD THE DIGITAL VERSION
FAÇA O DOWNLOAD DA VERSÃO DIGITAL

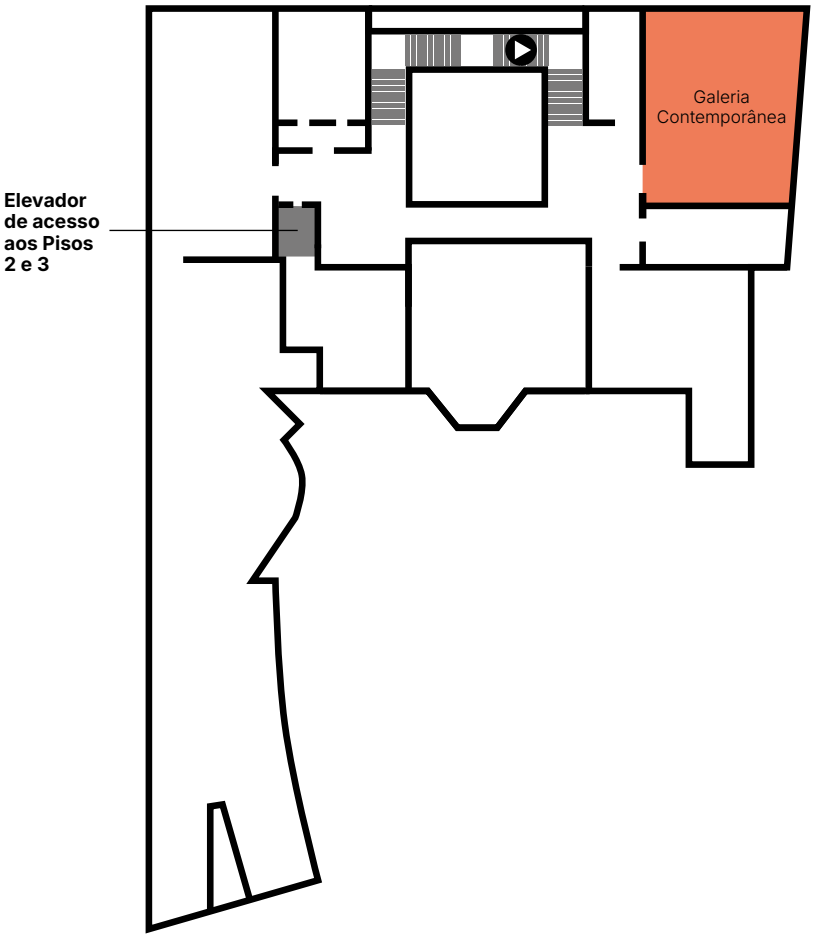


Acesso à Garagem
(performance no piso inferior)

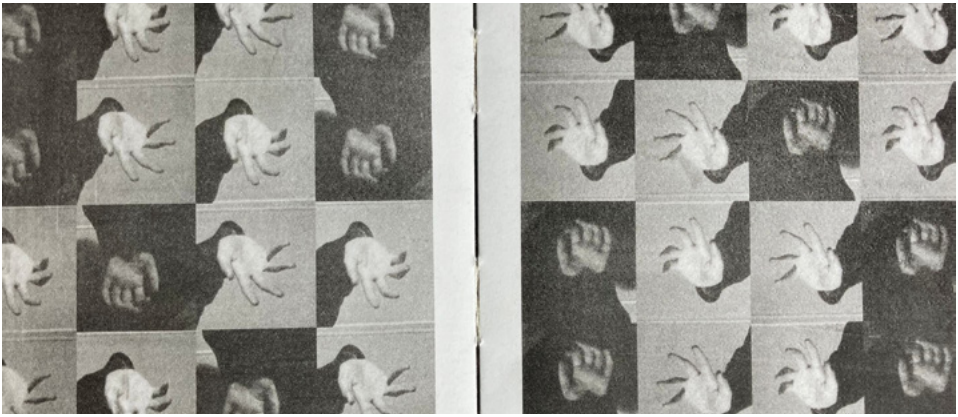
Piso 2


Sala 3
(Galerias do
Museu)
Elevador
de acesso
ao Piso 1
Sala 4
(Galerias do
Museu)
Entrada para as Galerias
Escadaria
de acesso
ao Auditório
Piso 2
Hall do
Museu
Bengaleiro
Elevador
de acesso
aos Pisos
2 e 4
Livraria
Entrada para o Museu

Piso 3



Piso 4



© Beatriz Sarmento

07 NOV, 11:30

ENCONTRO COM ZABRA

Entre a liberdade e a violência

Biblioteca de Serralves

Acesso Gratuito

Ponto de partida: o corpo enquanto lugar de memória, resistência e transformação. Convocamos para esta conversa aquilo que nos leva a transformar, entre a liberdade e a violência, e que narrativas albergamos nos corpos para contarmos algo para o amanhã. O corpo ativa a memória, inscreve e reconfigura. As imagens vividas tornam-se imagens sobreviventes, transformando-se no cruzamento entre memórias e não-memórias, entre diferentes olhares e experiências. Neste movimento, aquilo que se entende por selvagem, bárbaro ou violento não é fixo, mas depende de quem nomeia e de quem detém o poder de estabelecer essas fronteiras. Entre a liberdade e a violência, o corpo é simultaneamente matéria de destruição, expansão e regeneração. Um lugar de exposição ao risco, mas também de interioridade e construção, onde se torna possível atravessar o próprio colapso e imaginar outras formas de existência.

E se o corpo já não for apenas humano? Hoje, vozes, gestos e memórias são extraídos para treinar máquinas, muitas vezes sem consentimento, numa nova forma de violência sobre os corpos. Mas a mesma tecnologia pode abrir outras possibilidades: corpos híbridos, relações interespécies e formas de existência em simbiose com o natural e o artificial. Também aqui a fronteira entre humano e não-humano, natural e artificial, depende de quem nomeia.

No âmbito da 12.ª edição de *Museu como Performance*, propomos uma conversa com ZABRA – Centro de Investigação de Arte Pós-humana, Carincur e João Pedro Fonseca, concebida como um espaço de pensamento paralelo às performances do programa. Com lugar na Biblioteca do Museu, a conversa parte dos livros e das referências que habitam este espaço para abrir um diálogo em torno de algumas das questões que atravessam esta edição: a transformação dos corpos e o trajeto entre a liberdade e a violência.

Carincur e João Pedro Fonseca são artistas-investigadores e colaboram desde 2020. Codirigem a ZABRA, em Lisboa, que se afirmou como o primeiro centro de investigação de arte pós-humana em Portugal, cruzando arte, tecnologia e ciência. A sua prática explora relações interespécies, ecologias do cuidado e novas formas de inteligência cultural, em diálogo entre inteligências humanas, mais-que-humanas e artificiais. Defendem uma abordagem ética à tecnologia, desenvolvendo modelos de inteligência artificial treinados exclusivamente com materiais próprios e consentidos. Entre os seus projetos recentes destacam-se *carne.exe* (2025), encomenda do Teatro Nacional D. Maria II, *JEZABEL* (2024), entidade digital autónoma comissionada pela ModaLisboa, e *Jeffthielmusk®*, ensaio performativo sobre cultos tecnológicos, comissionado pela Braga Media Arts para a INDEX – Bienal de Arte e Tecnologia.

Carincur é artista transdisciplinar e investigadora de técnicas de criação de arte pós-humanas. Tem desenvolvido a sua prática tecendo a imagem do ser humano num híbrido com tecnologia. Explorando realidades estendidas (VR/AR/MR), inteligência artificial, fenómenos acústicos, percepções visuais e a voz como um dispositivo de síntese, procura criar vozes trans-sintéticas e pós-humanas para entender as transições entre corpos orgânicos e digitais. Já lançou três álbuns, “Sorry if I make love with sound”, “Echos from a liquid memory” e o seu mais recente projeto “BODY AS A FROZEN METAPHOR”. O seu trabalho sonoro já foi editado por Weathervane Recs, Extended Records, Culturgest e ZABRA - Centro de Investigação de Arte Pós-Humana do qual é coDiretora.

João Pedro Fonseca é um artista e investigador transdisciplinar cujo trabalho explora políticas pós-humanas e filosofias especulativas, com enfoque nas interações entre tecnologia e natureza. Atualmente, é co-director artístico da ZABRA - Centro de Investigação de Arte Pós-humana. O seu trabalho tem sido apresentado em contextos institucionais e independentes, em colaboração com estruturas como Centro de Arte Moderna - Gulbenkian, Fundação Champalimaud, TNDM II, Futurama, ModaLisboa, Lux Frágil, Sónar Lisboa, Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado ou Gnration. Colabora regularmente com criadores nas áreas do teatro, ópera e dança, integrando a sua concepção cénica e desenho de luz e vídeo.

https://zabra.co/



© Maarten Nauw

07 NOV, 14:30, 19:50

The Fountain 30'

IVAN CHENG

Galerias do Museu

Ivan Cheng considera os computadores como prestadores de serviços. "*The Fountain*" é um diálogo encenado entre um computador público e um computador privado, originalmente apresentado por dois bailarinos e pontuado por canções. Para Serralves, Cheng reformula a peça como uma performance a solo, assumindo o papel central da sua interpretação num monólogo virtuosístico sobre propriedade, memória e o ato de deixar partir.

Ao percorrer a galeria, Cheng recorre amplamente à voz e ao corpo, irrompendo ocasionalmente em canto, enquanto convida continuamente o público a participar na obra, dirigindo-se tanto aos presentes como aos ausentes. A peça prolonga o seu interesse continuado pelo significado de reproduzir uma performance, uma memória ou uma persona, convidando-nos a refletir sobre aquilo que escolhemos preservar: que ficheiros nos nossos telemóveis e computadores consideramos valiosos?

Nesta versão, Cheng conta com a colaboração habitual de Arvo Leo, responsável pela câmara, e veste peças de vestuário da marca Good & Bad. "*The Fountain*" integra uma série de obras em diálogo com "*Casemates*", encomendada pelo Mudam, Luxemburgo, e pelo TEA, Tenerife, no âmbito do programa PIT – *Perform, Inform, Transform*.

Criação e performance: Ivan Cheng
Câmara: Arvo Leo
Figurinos: Good & Bad
Médium: Beatriz Pinto

Ivan Cheng (n. 1991, Sydney, Austrália) vive e trabalha em Amesterdão. O seu trabalho explora géneros, linguagens e as suas diferentes leituras. Interessado no que é ambiente e implícito, o seu trabalho performativo integra o local de apresentação num sistema de estruturação de texto e de referências históricas, recorrendo frequentemente à câmara de vídeo como dispositivo estruturante. Entre as suas apresentações recentes contam-se AIR, Aspen (2026), Stedelijk Museum, Amesterdão (2026), Kunsthalle Bern, Berna (2026), Vulcana, Stromboli (2026), Matta, Milão (2026) e Mudam, Luxemburgo (2026).

https://www.instagram.com/ic_ic/

Apoio:

Perform Inform Transform

Co-funded by the European Union



© João Sanchez

07 NOV, 15:10
08 NOV, 14:45
Vorace 50'
SOFIA KAFOL
Galeria Contemporânea

VORACE (tradução italiana de *voraz*) é um solo para um corpo na sua arena, suportado pela capacidade pulmonar da performer e muitos pompoms, aliados da reverberação do ritmo que constrói a voracidade deste corpo.

VORACE é uma arena de dicotomias, um desejo de estabilidade que se consome só por o desejar. Uma tentativa de emancipação num corpo que ativa outros corpos. Uma ode à insistência que surge nas raízes e vem saboreada na boca.

«Em *VORACE* quero resgatar o meu corpo. Corpo ensopado de ballet clássico. Ainda em luta com parâmetros de inatingível perfeição. Corpo de mulher de 30 anos que vem diariamente bombardeado por protocolos anti-envelhecimento. Procuro por um lugar livre, visceralmente erótico e democrático. Como ser um corpo que realmente desejo ser e que vai além do corpo que me é permitido ocupar? Tento abanar (me).»

Direção Artística e Interpretação: Sofia Kafol
Apoio à Dramaturgia: Carlota Lagido
Apoio ao Movimento: Tiago Martins
Desenho de Luz: Naiana Padial
Filme, Fotografia, Design: João Sanchez

Apoios e Residências: Fundação GDA; Materiais Diversos através do Programa de consultoria em produção Novos Materiais; Opart E. P. E. / Estúdios Victor Cordon, no âmbito do Programa Em Trânsito, em colaboração com a Materiais Diversos; Fundação Serralves; Espaço Parasita; Pagarrénda; Meio do Mato - Associação Cultural; Programa de Apoio a Artistas Residências no Teatro da Voz / Produções Real Pelágio; CEA - Centro de Experimentação Artística

Apoio:

fundação GDA

O MUSEU COMO PERFORMANCE

Sofia Kafol é bailarina e criadora luso-eslovena, original de Trieste, Itália. Formada em ballet clássico no Conservatório de Maribor, Eslovénia, expande os horizontes através da licenciatura em Línguas e Literaturas na Universidade de Trieste. Segue para o Porto para aprofundar os estudos de dança na Oficina ZERO. Enquanto intérprete, colaborou em criações de Francisco Camacho, Madalena Victorino, Daniel Matos, Davis Freeman, Ana Jezabel, João dos Santos Martins, Kensaku Shinohara, Francisco Tropa, entre outros. Vive o corpo como uma arena de desconstrução e celebração, numa busca contínua pela emancipação e pelo prazer. Em 2021, criou o solo "*LADYLIKE*", apresentado em Portugal e internacionalmente. Em 2024, integrou a Mostra Nacional de Jovens Criadores. Atualmente encontra-se em digressão com "*VORACE*", um solo sobre o corpo e o seu resgate.

https://sofiakafol.pt/



• JMA Photography

07 NOV, 16:10

It's Got Legs!!!!!! * 60'

SAMIR KENNEDY & SEAN ALEXANDER MURRAY

Auditório do Museu

"IT'S GOT LEGS!!!!!!" coloca a seguinte questão: «Que outras formas emergem quando submetemos a Broadway, o cabaré, o teatro musical e as formas do jazz a abordagens coreográficas pós-modernas?»

O que emerge quando convocamos formas, ícones e divas históricas queer e os forçamos a entrar nas prisões de um minimalismo sisudo e impassível?

Poderão o camp exacerbado e o minimalismo partilhar o mesmo palco?

A performance desenvolve-se num espaço complexo de não-chegada. São as provações da viagem que testemunhamos, enquanto provocamos e nos aproximamos, pouco a pouco, do que não pode ser apreendido, para desenterrar a única coisa verdadeiramente concreta que existe neste meio: a instabilidade.

As referências a duplas cómicas familiares multiplicam-se, a par dos duplos sentidos, à medida que revelam a única coisa verdadeiramente concreta que existe neste meio: a instabilidade.

Um interminável e infernal jogo de sedução preliminar em forma de «cabaré», "IT'S GOT LEGS!!!!!!" expõe a precariedade inerente à construção da performance e à construção do eu. Recorrendo às ferramentas básicas do teatro e da performance *DIY* — microfones, colunas de som, luzes e cenário —, a dupla questiona se a forma como construímos as nossas identidades é assim tão diferente da forma como montamos um espetáculo.

Abraçando a fealdade e a beleza caótica do processo de nos tornarmos e deixarmos de ser, "IT'S GOT LEGS!!!!!!" percorre as intrincadas danças de subjugação, subversão e sedução em que todos somos forçados a entrar enquanto performers, artistas e seres humanos, simplesmente tentando seguir em frente.

* Contém nudez integral

Performance e coreografia:
Samir Kennedy e Sean Alexander Murray
Cenografia e objetos: Tim Spooner
Direção técnica e desenho de luz:
Seth Rook Williams
Dramaturgia: Joe Moran
Olhar externo: Liz Rosenfeld
Som: Samir Kennedy
Produção: Marie Lhotellier
Coprodução: BNM – Ballet National de Marseille, Battersea Arts Centre, pp+a – performance, possession + automation, Maison Saint-Gervais, Transform Festival, Arts Council England.
Apoios: ICI-CCN – Centre Chorégraphique National de Montpellier, KLAP maison pour la danse, La Ménagerie de Verre, Wainsgate Dances, Queen Mary University London, Les Théâtres, Théâtre des Bernardines, La Friche Belle de Mai.

Samir Kennedy é um artista independente, com atividade entre Londres e Marselha, que trabalha na interseção entre coreografia, performance, som e vídeo. Descobriu a performance ainda na escola primária, durante um concerto do coro, quando da sua boca saiu uma voz que não parecia ser a sua. Rapidamente se orientou para o teatro musical e, mais tarde, para a dança contemporânea, área em que concluiu os seus estudos na Laban, no Reino Unido, em 2013, tendo obtido um diploma no Centro Coreográfico Nacional de Montpellier, em 2023. Desde então, tem desenvolvido uma prática interdisciplinar e diversificada, trabalhando internacionalmente em diferentes contextos e funções — como intérprete, coreógrafo, encenador, designer de som e dramaturgista — tanto em teatros de referência como em espaços underground e experimentais, clubes e galerias. O seu trabalho aborda criticamente temas como a classe social, a raça, a alteridade, a queeridade e a abjeção, considerando o corpo como um lugar de exploração e subversão de figuras arquetípicas — o diabo, o zombie e o palhaço. Interroga a consciência coletiva e o simbolismo cultural, recorrendo a estas figuras como estruturas de análise das identidades interseccionais.

Sean Alexander Murray é artista com sede no Reino Unido cuja prática artística se centra na dança, no cabaré, no design e na performance. Colaborou com artistas e grupos como Jeanine Durning, em colaboração com a Candoco Dance Company, Joe Moran, Lea Anderson, Oona Doherty e Jamie xx. O seu trabalho explora a identidade queer, a abstração, o *camp*, o excesso e o absurdo, envolvendo-se com a instabilidade e a incerteza, ao mesmo tempo que desconstrói e reformula estruturas. Recorrendo à improvisação e à ficção científica como enquadramentos conceptuais, Sean cria sistemas coreográficos que convidam os participantes a navegar entre a escolha, a memória e a imaginação. A sua prática interdisciplinar abraça a imperfeição e a imprevisibilidade, procurando dissolver as fronteiras entre público e intérprete, realidade e imaginação, corpo e pensamento.

https://samirkennedy.com/
https://www.instagram.com/cestsean/



• © Aline Befort

07 NOV, 17:15

Ermo, a título provisório 90'

MÁRIO AFONSO

Garagem do Museu

Ermo, a título provisório surge na continuidade do trabalho desenvolvido em torno do desaparecimento do corpo, que emerge nos projetos recentes de Mário Afonso. Uma reflexão sobre as relações humanas nas sociedades atuais, atravessadas pela mediação tecnológica, em torno da aparição, do encontro e da ausência da presença de que resultam novos padrões de sociabilidade. Esta temática manifesta-se nos espetáculos *Framework* (2022) e *vaziopleno* (2023). E, em 2024, dá título à sua tese de mestrado, "O desaparecimento do corpo". Se em *Framework* e *vaziopleno* a investigação se centra num corpo a solo, desdobrando-se em diferentes ângulos e perspetivas, este novo espetáculo explora o potencial de um duo, unido pelo jogo poético da revelação e ocultação, onde a fisicalidade delineia o gesto que se multiplica, hesita e se desfaz para se recompor face ao Outro. O que se presentifica nos corpos fora da lógica da produtividade? Que imaginários se desenham a partir do silêncio e do intervalo entre gestos? Que figuras podem três corpos esboçar em resultado dessa escuta? *Ermo, a título provisório* é um ensaio sobre o tempo da presença e a potência da escuta do encontro. Não se limita a comentar o desaparecimento do corpo, afirma a corporeidade como lugar de resistência e criação: o tempo suspenso da contemplação como aprofundamento; o silêncio, enquanto escuta aturada; e a proximidade entre corpos um ato político de partilha e reconfiguração do sensível. O carácter experimental dos trabalhos do coreógrafo coloca as suas propostas artísticas no plano da investigação prática. A composição para cena parte da recolha diversificada de materiais e recorre à improvisação como forma de gerar movimento, texto e ritmo. O humor e a ironia, característicos do seu trabalho, assumem igualmente um papel importante.

Apoio:

REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA, JUVENTUDE E DESPORTO

dgARTES
DIREÇÃO-GERAL DAS ARTES

Conceção e direção: Mário Afonso
Interpretação: Bruno Senune e Rafa Jacinto
Apoio dramatúrgico: Ana Pais
Acompanhamento artístico: Miguel Pereira
Desenho de luz: Luís Moreira
Conceção cénica: Mário Afonso
Confeção de cenário: Katie Lagast e Mário Afonso
Música e desenho de som: João Bento
Design gráfico: Pedro Nora
Redes sociais: Filipa Galhordas Batista
Registo e edição audiovisual: Lara Morais e Raquel Melgue
Produção executiva: Mariana Dias
Gestão de projeto: Hannya Melo
Produção: Carta Branca
Coprodução: Teatro do Bairro Alto
Apoio financeiro: República Portuguesa – Cultura, Juventude e Desporto / Direção-Geral das Artes
Parceiros institucionais: APCC - Associação para a Promoção Cultural da Criança, Balleteatro, Casa da Dança, cem - Centro em Movimento, EVC - Estúdios Victor Córdon, Festival Corpo de Hoje - Associação Cultural, O Rumo do Fumo, Fundação de Serralves
Agradecimentos: Anabela Mendes, Boia Associação Cultural, Cidália Sousa, Cláudia Belchior, Cláudia Oliveira, Dinis Dórdio, Lugar do Meio, Manuela Marques, Patrícia Carmo, Sérgio Marques, Sofia Campos, Sofia Neuparth, Vera Santos
Fotografias: Aline Belfort e Joana Linda

Mário Afonso desenvolve trabalho autoral cuja abordagem multidisciplinar resulta num conjunto de obras de carácter performativo, coreográfico e instalativo, dos quais destaca *Magmatic* (performance-instalação, 1999); *Representações* (2005); *Framework* (2022); *vaziopleno* (2023); e *Ermo, a título provisório* (2026). Como co-criador colaborou com João Fiadeiro, Miguel Pereira, Sofia Dias & Victor Roriz, Elisa Pône, Cão Solteiro e Vasco Araújo e Vera Mantero, entre outros. Concebeu, em 2016, o acervo Prata da Casa, acervo de vídeos documentais para a dança contemporânea, disponível em www.pratadacasa.pt



• © Daniel Costa Neves

07 NOV, 18:50

Corpo: território — variações sobre inquietação 60'

para piano semi-preparado, bombo e caixa, transmutados por excitadores

JOANA SÁ

Galerias do Museu

Enraizada na geologia eruptiva dos Açores, esta obra escuta o planeta como um corpo inquieto e explora a 'inquietação' como condição planetária, corporal e relacional: vibracional, tectónica e imaginativa. O solo em constante mutação sob os nossos pés ecoa um tempo em que a extração se tornou a relação dominante, mas em que o corpo-planeta resiste ao controlo, anunciando outras forças e desfechos. Desenvolvida a partir de gravações de campo, investigação colaborativa, improvisação e experimentação em residências no Faial, em São Miguel e na Fundação Serralves, a peça é também muito marcada pela experiência do incêndio traumático de 2025 na sua aldeia de Frádigas (Parque Natural da Serra da Estrela) — o maior de sempre em Portugal, em termos de área ardida.

Como em todas as peças a solo de Joana Sá, o piano é transmutado num *outro apparatus* instrumental. Em *Corpo : território — Variações sobre inquietação*, o piano é, antes de mais, um instrumento de captação — uma pele sintonizada com movimentos geológicos subterrâneos, um lugar onde forças invisíveis convergem.

As gravações de campo foram captadas em diversos contextos: durante o incêndio de agosto de 2025 na aldeia de Frádigas; nas ilhas do Faial, São Miguel e Pico; em manifestações em Lisboa e Ponta Delgada; foram usadas gravações do coração de Joana Sá e do bebé de Teresa Silva, antes de nascer e fragmentos de gravações de "Inquietação" de José Mário Branco pelo fadista Camané com arranjo para piano de Joana Sá.

Apoio:

REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA, JUVENTUDE E DESPORTO

dg ARTES
DIREÇÃO-GERAL DAS ARTES

O MUSEU COMO PERFORMANCE

Criação, direção artística, composição musical, gravações de campo & performance — piano semi-preparado, bombo, caixa & excitadores: Joana Sá
Cocriação — apoio à criação musical e estruturas de luthieria de cena: Luís J Martins
Cocriação — apoio ao movimento/ performance: Teresa Silva
Cocriação — concepção visual do projeto e consultoria para desenho de luz: Daniel Costa Neves
Desenho e operação de luz: Tela Negra
Desenho e operação de som: Suse Ribeiro
Fotos: Daniel Costa Neves
Design: Ana Viana
Produção: Menos Muito Mais CRL
Este projeto tem o apoio da DGArtes e República portuguesa e é uma coprodução Culturgest, Walk & Talk, Fundação de Serralves e Gnration.

Joana Sá

Compositora e pianista, o seu trabalho é marcado pela transdisciplinaridade, experimentação e procura de (des)formatos artísticos. A solo, criou *a body as listening – resonant cartography of music (im) materialities*, recente trabalho com múltiplos outputs e formatos, assim como a trilogia de solos *à escuta | o aberto* (2010-2016), central no seu doutoramento (2020) em Performance/Música desenvolvido na UA com bolsa da FCT. Apresenta-se em espaços de referência nacional e internacional, é ativa em diversos ensembles e conta com vários discos e um livro editados. Com Luís J Martins fundou e é codiretora artística de à escuta, colectivo de criação artística e reflexão interdisciplinar, desenvolvido em e com comunidades da Serra da Estrela.

www.joana-sa.com



• © Miguel Ângelo Santarém

08 NOV, 11:30, 15:50

Enciclopédia das Escadas 70'
performance *site-specific* / promenade
BRUNO HUMBERTO
Percurso | **Ponto de encontro:** Hall do Museu (Janela junto ao Bengaleiro)

Em *Enciclopédia das Escadas*, o público é convidado a efetuar um plano-sequência por várias escadas do jardim Serralves. Trabalhamos com a proximidade ou a distância que o olhar compromete, sendo a visão, nos vários décors que se propõem, o que nos transporta e o veículo principal para uma dramaturgia do lugar.

A *Enciclopédia das Escadas* é um projeto multidisciplinar com foco em performance no espaço público, que investiga e trabalha o elemento arquitetónico das escadas, amplificando e tomando partido da sua potência como cenário e protagonista central.

Direção e conceito: Bruno Humberto
Com: Bruno Humberto, João Ferro Martins
Participação: Estudantes de Teoria e Prática de Performance da FBAUP- Kata Gál, Lotta Huisman, Joana Vale, Enrico Russo, Nicolas Hanquet, Lipi Koyu, Maria Vieira
Design têxtil: Marisa Escaleira
Fotografia: Miguel Ângelo Santarém
Produção: Mariana Sá Marques
Parceiros: Aderno - Associação Cultural; Associação Alfaia; Citemor; Fundação de Serralves; Teatro Baltazar Dias; Teatro do Mar
Apoio: República Portuguesa – Cultura, Juventude e Desporto / Direção-Geral das Artes

Apoio:

REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA, JUVENTUDE E DESPORTO

dgARTES
DIREÇÃO-GERAL DAS ARTES

Bruno Humberto estudou e lecionou no mestrado de Performance Making, na Goldsmiths College, em Londres. Autor e encenador de *The Camus Incident* (performance site-specific finalista do Oxford Samuel Beckett Theatre Trust Award, co-produzido pelo Barbican), o solo *Holding Nothing*, a peça no tecido urbano *Land*, *A Morte da Audiência, Carbo, Peças*, entre outras. Colaborou com os artistas Graeme Miller, Gustavo Ciríaco, Allard van Hoorn, e em 2008 fundou com Borja Sagasti a companhia de teatro e performance Gazpacho Unlimited, efetuando uma série de peças em Inglaterra e na Europa, com o foco na dramaturgia e interação do público, que incluiu *2 Divide* (2009) (nomeada para o prémio de melhor performer do Dublin Fringe). Fez várias peças em colaboração com o escritor e dramaturgo Rui de Almeida Paiva, das quais destacam-se a peça de teatro imersivo *O Sequestro* (2018), *A Vila* (2019) e *Peça para Intervalos* (2021). Trabalha como curador e programador em vários projetos e instituições.

https://www.brunohumberto.com/



© Salma Olama

08 NOV, 17:15

Sham3dan 45'

NASA4NASA

Hall do Museu

Sham3dan é uma performance de dança em que bailarinos convocam os fantasmas dos seus predecessores, ao mesmo tempo que mobilizam os campos magnéticos que geram coletivamente. A performance parte da história da dança Sham3dan no Egito e das transformações que esta sofreu ao longo dos anos.

A obra evoca as figuras fundadoras desta dança como as mães que, enquanto fantasmas, a fizeram chegar até ao presente. As ficções que envolvem as suas vidas evidenciam sempre o sacrifício inerente à dança.

Sham3dan coloca em evidência os sistemas de poder presentes na coreografia, revelando o compromisso e a violência inerentes ao seu domínio, ao mesmo tempo que procura criar novas constelações de memória.

Criação: nasa4nasa (Salma AbdelSalam e Noura Seif Hassanein)
Em colaboração com: Dalia El Abd, Hend El Balouty, Samar Ezzat, Mona Gamil, Moemen Nabil, Nagham Salah, Salma Salem, Shaymaa Shoukry e Hanin Tarek
Intérpretes na versão adaptada: Dalia El Abd, Momen Nabil, Nagham Salah, Noura Seif Hassanein, Salma Abdel Salam e Shaymaa Shoukry
Música: Ismail Hosny
Candelabros: Ahmed Halolos
Figurinos e styling: Ahmed Sorur
Produção: nasa4nasa
Distribuição: Something Great
Coprodução: Orient Productions, BUDA Arts Centre

O MUSEU COMO PERFORMANCE

nasa4nasa (fundado em 2016, no Cairo) é um coletivo de dança sediado no Cairo, cofundado pelas bailarinas Noura Seif Hassanein e Salma AbdelSalam. Com atividade sobretudo no Instagram, o coletivo explora a criação de imagens e a presença online como parte integrante da sua prática continuada de dança. Em 2025, a sua performance *Sham3dan (Candelabra)* teve a sua estreia internacional na Art Basel (Unlimited), apresentada pela Gypsum Gallery (Cairo), Belluard Bollwerk (Friburgo, Suíça), Festival de Marseille, Next Festival e Bozar. Em 2026, *Promises* foi apresentada na Sonsbeek, em Arnhem. Em 2025, a mesma obra foi apresentada no My Wild Flag, em Estocolmo, e na Lafayette Anticipations, em Paris. Em 2024, foi apresentada em espaços como o Art Explora Festival, em Marselha, e o 99 Canal, em Nova Iorque. *NO MERCY* estreou no Rawabet, no Cairo, em 2022, tendo sido posteriormente apresentada em espaços como o Danspace Project, em Nova Iorque (2024); o Zürcher Theater Spektakel, em Zurique (2023); o Dream City, em Tunes (2023); e o D-CAF Festival, no Cairo (2022). Em 2018, a sua primeira criação, *SUASH*, estreou no Next Festival, em Kortrijk, na Bélgica, e no MDT Moderna Dansteatern, em Estocolmo. Em 2019, foi apresentada no Maadi Sporting Club, no Cairo, e na Young Choreographers' Series, integrada no festival ImPulsTanz, em Viena. Em 2019, *End of Times* estreou na Gypsum Gallery e foi posteriormente adaptada para o Movement Research Festival, na Judson Church, em Nova Iorque, em 2022. O coletivo participou também em exposições coletivas, incluindo a 13.ª Bienal de Gwangju, em 2021, com a comissão online *Live Organ's Online Commission*, através de *Promises b2b*, uma série de vídeos apresentada na Lafayette Anticipations em 2025.

https://www.instagram.com/nasa4nasa/



© Jenny Berger Myhre

08 NOV, 18:10

Six Moving Guitars 45'

FREDRIK RASTEN

Galerias do Museu

Six Moving Guitars (2018) é uma peça que explora a forma como seis guitarras acústicas podem criar uma coreografia sonora através de diferentes movimentos no espaço de atuação. As guitarras são afinadas em acordes segundo o sistema de afinação justa (*just intonation*), e as características sonoras da harmonia microtonal são realçadas tanto pelos movimentos como pelo ambiente acústico em que a peça é apresentada.

A peça pode também ser entendida como um estudo sobre a forma como as pessoas, sem necessitarem de ter formação musical, podem agir em conjunto numa situação musical baseada na escuta atenta e na orientação espacial.

Six Moving Guitars foi composta para um grupo de três bailarinos e três músicos, que exploram coletivamente a ideia de eliminar as diferenças funcionais entre bailarinos e músicos, centrando-se no som produzido por fontes sonoras em movimento ou situadas espacialmente.

Para além de *Six Moving Guitars*, composta por Rasten, o grupo criou coletivamente outra peça em 2018, intitulada *Femtimeteren* (*Os Cinquenta Metros*).

Conceito e criação: Fredrik Rasten
Intérpretes: Fredrik Rasten, Beatriz Madruga, Gil Fesch, Joana de Sá, Mark Reid, Sofia Moço Novo

Fredrik Rasten é guitarrista e compositor, dedicando-se sobretudo à harmonia racional e aos fenómenos acústicos a ela associados. Procurando alcançar um estado de escuta ativa e explorar intuitivamente as complexidades da interação tonal, o seu trabalho inspira-se em correntes minimalistas, músicas tradicionais e outras formas exploratórias de criação sonora. Para além dos seus projetos a solo, atua e compõe como membro do ensemble Harmonic Space Orchestra, sediado em Berlim, e dos grupos experimentais Pip e Oker, ambos com uma longa trajetória. Nos últimos anos, tem também explorado abordagens experimentais a canções tradicionais, em duo com Alasdair Roberts e Seamus Cater, bem como desenvolvido vários projetos com o guitarrista australiano Oren Ambarchi. A música de Rasten tem sido apresentada em festivais como o All Ears (Oslo), o Frequency Festival (Chicago) e o Sound of Stockholm. A sua discografia tem sido editada por editoras como a SOFA, a Edition Wandelweiser, a Ftarri, a Aspen Edities e a INSUB.

https://fredrikrasten.com/



© Marie Magnin

08 NOV, 19:00

Blast! 55'

RUTH CHILDS

Auditório do Museu

« *Blast!* é baseado nas minhas observações sobre como os seres humanos se expressam. Se a minha criação anterior, *fantasia*, evocava sensações e movimentos ligados à minha própria memória íntima, este novo solo, *Blast!*, é um estudo, um panorama ou uma reapropriação dos corpos, com foco no corpo dorido, sofredor, estranho, explosivo e violento. Há algum tempo, sinto a necessidade de responder à violência, incorporando-a e transformando-a no meu trabalho. Não necessariamente a minha própria violência, mas a violência que nos cerca, que atravessa, que nos rodeia, percorre a história da humanidade, nos assombra com imagens e histórias, a violência da nossa imaginação ou dos nossos pesadelos. Paralelamente a um estudo sobre a expressividade, dois conceitos intuitivos estão no cerne deste novo projeto: um é musical e o outro espacial. Esses conceitos têm um aspeto meditativo ou calmante e servem como contraponto à intensidade do movimento, ou talvez até mesmo como um antídoto. Juntos, podem tanto conter a energia quanto libertá-la. »

Apoio:

fundação suíça para a cultura
prohelvetia

O MUSEU COMO PERFORMANCE

Produção: Scarlett's
Coreografia e interpretação: Ruth Childs
Desenho de luz: Joana Oliveira
Desenho de som e investigação: Stéphane Vecchione
Colaboração artística: Bryan Campbell
Conceção de figurinos: Coco Petitpierre
Confeção de figurinos: Anne Tesson, Coralie Chauvin
Olhar externo: Cécile Bouffard
Acompanhamento artístico: Michèle Gurtner
Produção, administração e difusão (criação): Lise Leclerc e Cecília Lubrano
Direção técnica (criação): Joana Oliveira
Direção técnica (a partir de 2025): Rodolphe Martin
Coprodução: Pavillon ADC – Genève (Suíça), La Bâtie-Festival de Genève, Arsenic Centre d'art scénique contemporain (Lausanne), Atelier de Paris/CDCN, CCN de Tours / Thomas Lebrun (no âmbito do programa *Accueil Studio*), Centre chorégraphique national de Rillieux-la-Pape / direção de Yuval Pick, A-CDCN (Les Hivernales – CDCN d'Avignon, La Manufacture – CDCN Nouvelle-Aquitaine Bordeaux · La Rochelle, L'échangeur – CDCN Hauts-de-France, Le Dancing CDCN Dijon Bourgogne-Franche-Comté, Chorège CDCN, Le Pacifique – CDCN Grenoble – Auvergne-Rhône-Alpes, Touka Danses – CDCN Guyane, Atelier de Paris / CDCN, Le Gymnase CDCN Roubaix – Hauts-de-France, POLE-SUD CDCN / Strasbourg, La Place de la Danse – CDCN Toulouse / Occitanie, La Maison CDCN Uzès Gard Occitanie, La Briqueterie CDCN du Val-de-Marne).
Com o apoio de: Pro Helvetia – Fundação Suíça para a Cultura, Stanley Thomas Johnson Foundation, Lo Studio Performing Arts Centre (Bellinzona, Suíça), Corodis e Cantão de Genebra.
Scarlett's / Ruth Childs beneficia de um contrato de apoio conjunto da Cidade de Genebra, do Cantão de Genebra e da Pro Helvetia (2024–2026).

Ruth Childs

A bailarina e performer britânico-americana Ruth Childs nasceu em 1984, em Londres. Cresceu nos Estados Unidos, onde estudou dança e música. Em 2003, mudou-se para Genève para concluir a sua formação em dança no Ballet Junior de Genève. Em seguida, começou a trabalhar com vários coreógrafos e encenadores de renome internacional, incluindo Foofwa d'Imobilité, La Ribot, Gilles Jobin, Massimo Furlan, Marco Berrettini e Yasmine Hugonnet. Desde 2015, trabalha também num projeto de recriação e reativação das primeiras obras da sua tia, a coreógrafa americana Lucinda Childs. Em 2014, fundou a sua companhia Scarlett's, com o objetivo de desenvolver o seu próprio trabalho através da dança, da performance e da música. A Scarlett's privilegia processos artísticos íntimos e colaborativos, cultivando a intuição e o indefinível. Em 2016, o Estado de Genève concedeu-lhe uma bolsa e uma residência de pesquisa de 6 meses em Berlim para desenvolver o seu próprio trabalho. A sua primeira peça de palco, em colaboração com Stéphane Vecchione, *The Goldfish and the Inner Tube*, estreou em abril de 2018. Estreou *fantasia*, o seu primeiro solo, no ADC, em Genève, em outubro de 2019. Em 2022, criou o seu segundo solo *Blast!*, que foi distinguido nesse mesmo ano com o Prix suisse des arts de la scène, por uma produção coreográfica de excelência. De 2023 a 2024, Ruth foi artista associada no CCN2 Grenoble. A sua primeira peça de grupo*, Fun Times*, estreou em 2024 no Arsenic, em Lausanne. O seu trabalho tem sido apresentado em todo o mundo: Théâtre de la Ville, em Paris, Biennal de Danza de Cali, Impulstanz, em Viena, Crossing the Lines, em Nova Iorque... Ruth é atualmente uma das artistas em residência no Arsenic, em Lausanne.

https://ruthchilds.com/

O MUSEU COMO PERFORMANCE
THE MUSEUM AS PERFORMANCE

Curadoria Curated by: Cristina Grande, Pedro Rocha, Ricardo Nicolau

Produção Production: Ana Conde, Cristina Grande, Pedro Rocha

Assistência de Produção Production Assistance: Maria Chaves Telheiro

Serviço Educativo Educational Service: Beatriz Sarmento, Inês Pina

Coordenação técnica e Som Technical coordination and Sound: Carlos Moreira

Vídeo e Cinema Video and Cinema: Carla Pinto

LOJA SHOP

Uma referência nas áreas do design, onde pode adquirir também uma recordação da sua visita.

A leading retail outlet for the areas of design, where you can purchase a souvenir to remind you of your visit.

loja.online@serralves.pt
www.loja.serralves.pt

LIVRARIA BOOKSHOP

Um espaço por excelência para todos os amantes da leitura.

The perfect place for all book lovers.

BAR

Onde pode fazer uma pausa, acompanhada de um almoço rápido ou um lanche, logo após a visita às exposições.

In the Bar of Serralves Auditorium you can take a break, with a quick lunch or snack, after visiting the exhibitions.

RESTAURANTE RESTAURANT

Desfrute de um vasto número de iguarias e deixe-se contagiar pelo ambiente que se faz viver com uma das mais belas vistas para o Parque.

Enjoy a wide range of delicacies and allow yourself to be captivated by the environment associated with one of the most beautiful views over the Park.

restaurante.serralves@ibersol.pt

CASA DE CHÁ TEAHOUSE

O local ideal para a sua pausa do ritmo citadino ou para o descanso de uma visita pelo Parque.

The ideal place to take a break from the bustling city or rest during a visit to the Park.

INFORMAÇÕES E HORÁRIOS:
INFORMATIONS AND OPENING HOURS:

www.serralves.pt/visitar-serralves

Fundação de Serralves
Rua D. João de Castro, 210
4150-417 Porto — Portugal

serralves@serralves.pt

Linha geral General lines:
(+351) 808 200 543
(+351) 226 156 500

Chamadas para a rede fixa nacional.
Calls to the national landline network.

www.serralves.pt

/fundacao_serralves

/fundacaoserralves

/fundacaoserralves

/serralves

Apoio Institucional
Institutional Support

Mecenas do Museu
Museum Sponsor

SERRALVES MONUMENTO NACIONAL HERITAGE

EMAS

REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA, JUVENTUDE E DESPORTO

BPI | Fundação "la Caixa"

NOV 2026